

Brasil: a construção de um destino

Na última noite que passei em Andahuaylas, Apurímac- Peru, fui convidada por minha anfitriã para ir ao restaurante de sua amiga comemorar o aniversário de outro amigo, um canadense que mora em Andahuaylas. Estiveram presentes na comemoração um círculo de amigos do rapaz canadense, que incluía os donos do restaurantes, meus anfitriões, duas moças francesas, uma venezuelana e três peruanas. Uma das peruanas era de Lima e contou que seu irmão fez o mestrado em Engenharia na PUC-RJ. Ela chegou a visitá-lo no Rio de Janeiro, cidade que achou muito bonita. Depois que se formou, seu irmão voltou para o Peru e hoje trabalha em Arequipa. Uma das outras peruanas ouviu nossa conversa e ficou interessada. Ela disse que gostaria que seu filho viesse para o Brasil fazer a pós-graduação e me perguntou se eu poderia ajudá-la.

Quando visitei a cidade de Lima em junho de 2011, um taxista comentou que tinha parentes que em São Paulo. Ele mesmo chegou a pensar em morar no Brasil, mas teve receio de que não desse certo. Não foi apenas em Lima que ouvi relatos de peruanos que têm relações com o Brasil. Em Cusco, um garçom de um restaurante na *Plaza de Armas*, um dos principais pontos turísticos da cidade, me perguntou de onde eu era ao ouvir meu sotaque. Quando eu respondi: “Brasil”, ele, entusiasmado, abriu um sorriso e me contou que já tinha vindo ao Brasil. Ele fez um curso de Turismo e Hotelaria em Natal, Rio Grande do Norte, onde mora um de seus irmãos.

Nessa mesma viagem, o atendente de uma loja de souvenirs, ao me ouvir falar Português, me disse- na minha língua materna- que tinha morado e trabalhado no Acre. Em outra ocasião, numa loja de produtos de lã alpaca, localizada numa comunidade quéchua próxima ao centro de Cusco, uma das senhoras que trabalhava na loja comentou que tem alguns conhecidos no Rio de Janeiro que a convidaram para trabalhar com eles vendendo bebidas no carnaval carioca de 2010. Naquele ano, Cusco tinha sofrido com fortes chuvas que provocaram uma drástica queda no fluxo de turistas, principal atividade

econômica da região. Ela veio, mas preferiu retornar para Cusco quando terminaram o carnaval, no Rio, e as fortes chuvas, em Cusco.

A emigração peruana tem como peculiaridade se dispersar por diferentes cidades e países. Desde os anos de 1990, os peruanos escolheram como principais destinos: os Estados Unidos da América (31,5%), Espanha (16,0%), Argentina (14,3%), Itália (10,1%), Chile (8,8%), Japão (4,1%) e Venezuela (3,8%). Estes sete destinos somados concentram 88,6% dos emigrantes peruanos. Nos últimos 5 anos, novos países apareceram na lista de destinos de peruanos: nas primeiras posições estão Brasil, em primeiro lugar, Holanda e Colômbia, em segundo e terceiro lugar respectivamente, o que mostra que a emigração peruana continua a se dispersar por diferentes países (INEI et al., 2012).

Os exemplos que contei acima de peruanos que têm uma relação com o Brasil parecem indicar uma aproximação entre os dois países que torna o Brasil um destino possível. Neste capítulo, explorarei como aconteceu este processo de aproximação no caso dos jovens peruanos, que escolheram o Brasil e o Rio de Janeiro como lugar onde estudar. As representações sobre o Brasil, o Peru e os outros países e o significado atribuído ao deslocamento internacional elaboradas tanto pelos próprios estudantes, como pelas sociedades peruana e brasileira exercem um importante papel neste processo. Tentando explicar um mundo profundamente diverso e multifacetado, as representações se encarregam de oferecer uma ordem e uma lógica de compreensão à tal complexidade, servindo de parâmetro para as ações dos indivíduos. Nós veremos que, quando ainda estavam no Peru, estes jovens tiveram contato com representações de Brasil que os fizeram acreditar que aqui eles teriam condições de desenvolver seus projetos pessoais, estudantis e laborais.

4.1

O Brasil no contexto das migrações internacionais

“O Brasil vai virar um “*Estados Unidos*”. (Colega de trabalho, diário de campo, outubro de 2011)

Conversando sobre a imigração peruana no Rio de Janeiro com uma colega de trabalho, ela se demonstrou preocupada com a presença de estrangeiros no Brasil. Seu temor residia na possibilidade do Brasil se tornar um “*Estados Unidos*”. Fiquei imaginando o que ela estava querendo dizer com aquela afirmação: será que o Brasil receberá tantos imigrantes quanto os EUA? Ou o Brasil explorará a mão de obra imigrante como os EUA? Ou ainda, o Brasil elaborará leis de imigração como as norte-americanas? Após alguns segundos tentando compreender o significado daquela fala, a colega continuou, explicando que temia que os imigrantes sobrecarregassem os serviços sociais e o mercado de trabalho em detrimento da população brasileira, “*como acontece nos EUA*”.

Minha colega explicitou uma opinião muito recorrente no senso comum brasileiro e internacional, que enxerga o imigrante como uma ameaça sempre iminente, que se torna real quando o número de imigrantes cresce a ponto de “fugir do controle”, como, em sua concepção, aconteceria nos EUA. A definição da presença imigrante como uma “invasão” muitas vezes veiculada pela grande mídia, corrobora para a reprodução de uma representação do imigrante como alguém que devemos tratar com cautela e certa distância. Para acalmar minha colega, contei que o Brasil está longe de ter uma proporção de imigrantes similar à dos EUA.

Na história do Brasil, a imigração tem sido um fenômeno que imprimiu relevantes características na sociedade. Entre 1819 e 1940, o Brasil recebeu cerca de 5 milhões de imigrantes, oriundos da Europa e do Japão e entre 1550 e 1850, recebeu cerca de 4 milhões de africanos (Alencastro e Renaux, 1997). A diversidade das nacionalidades que chegaram ao Brasil ao longo da história poderia levar o leitor a crer que todos os estrangeiros eram igualmente aceitos e bem recebidos em solo brasileiro. Porém, não era assim. Os africanos, por

exemplo, chegavam ao Brasil como escravos, forçados a deixar sua terra natal para se tornar mão de obra compulsória e sem remuneração do outro lado do Atlântico. Já no caso dos imigrantes voluntários, já no século XIX, havia um debate acerca de qual perfil de estrangeiro serviria para atender os interesses nacionais, como suprir a demanda mão de obra livre das lavouras brasileiras.

Assim, no final do século XIX foi construído do *imigrante desejado*, que seria aquele que, além de trabalhador rural, também serviria como "agente civilizador" do Brasil através do branqueamento (Seyferth, 1996; 1997). Para estes propósitos, ele precisaria ser europeu, branco, capaz de se assimilar à cultura brasileira (Alencastro e Renaux, 1997; Seyferth, 1996; 1997), critérios que inspiraram as políticas de imigração do período. Do perfil de *imigrante desejado* estão, portanto, excluídos negros (Ramos, 1996), asiáticos¹ (Alencastro e Renaux, 1997), árabes e judeus (Lesser, 2001). Isto significa que os *imigrantes indesejados* não atendia todas as exigências- explícitas ou não- do Estado e das elites brasileiras. Eles poderiam servir como mão de obra, mas não como agentes de um imaginado desenvolvimento civilizatório do Brasil, o que significava branquear o país.

A imigração nunca deixou de fazer parte da realidade brasileira, porém, desde a Segunda Guerra Mundial, ela sofreu uma significativa transformação, com uma diminuição quantitativa e uma diversificação qualitativa (Baeninger, 2003), incluindo trabalhadores altamente qualificados, estudantes, refugiados, trabalhadores manuais, executivos e profissionais liberais, oriundos de diferentes partes do mundo. Baeninger (2003) assinala que as novas modalidades migratórias no Brasil e no mundo já não são mais caracterizadas exclusivamente pelo seu peso numérico, mas principalmente pelo seu significado:

As diferentes formas de mobilidade espacial da população (...) pressupõem a diversificação dos movimentos migratórios internacionais, em que ganha importância o *significado* desses fluxos no contexto da inserção de cada país de origem e de destino no atual processo de reestruturação econômica internacional. (Baeninger, 2003, p. 316)

¹ Em entre 1854 e 1856, 2 mil chineses chegaram no Rio de Janeiro, porém, considerados culturalmente inaptos para povoar o Brasil e compor a cultura nacional, em 1890, foi vetada a entrada de asiáticos e africanos no Brasil. Este veto foi retirado em 1902 e em 1908 chegam os primeiros imigrantes japoneses no Brasil (Alencastro e Renaux, 1997).

Neste sentido, o que significa para o Brasil, um país que até a década de 1930 adotou uma política ativa de seleção e controle da imigração, privilegiando um determinado perfil -europeu, branco, agricultor que se assimilasse à cultura nacional- (Iotti, 2010; Seyferth, 1997), receber imigrantes que se encaixam no perfil historicamente preterido pelo país, como africanos e asiáticos, por exemplo? Como os imigrantes mais recentes negociam sua integração à sociedade brasileira? Como o Brasil e os brasileiros se posicionam diante deles? Em que medida a presença de brasileiros no exterior e de estrangeiros de diferentes nacionalidades no Brasil influenciam as representações de Brasil que se tem no próprio Brasil e no exterior? Estas são as perguntas que coloco em pauta nesta seção.

4.1.1

Os novos imigrantes

Em abril de 2012, fui a Braga, Portugal, participar de um congresso na Universidade do Minho. Na fila de embarque para retornar ao Brasil, conversei com uma jovem portuguesa que estava vindo visitar os tios que moram Rio de Janeiro. Ela nunca tinha vindo ao Brasil, mas julgou este ser o momento mais propício: como estava desempregada em Portugal, ela visitaria os tios, conheceria o Rio e ainda aproveitaria para procurar um emprego aqui se gostasse da cidade. Ela terminou o ensino superior e domina outros dois idiomas além do Português, por isso, presumia que não seria difícil encontrar um emprego na ex-colônia.

Em outubro de 2011, uma declaração do secretário português de Juventude e Desporto, Alexandre Miguel Mestre gerou polêmica no país. Num seminário direcionado a jovens luso-descendentes, em São Paulo, o secretário afirmou que se Portugal sofre com o desemprego, os jovens devem sair de sua “*zona de conforto*” e buscar oportunidades “*além da fronteira*”². A principal crítica era de que, ao invés de incentivar seus jovens emigrarem, o governo português deveria criar mecanismo para inseri-los no mercado de trabalho³. A emigração não é uma novidade para a sociedade portuguesa: no final do século XX, alguns dos

² <http://blog.opovo.com.br/portugalsempassaporte/secretario-da-juventude-quer-incentivar-luso-brasileiros-a-investirem-em-portugal-e-aconselha-jovens-portugueses-a-emigrarem/>

³ http://www.dn.pt/politica/interior.aspx?content_id=2240618&page=-1;
http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=37105

principais destinos dos portugueses foram EUA, Venezuela, Canadá e Austrália (Bógus, 1995; Feldman-Bianco, 1993; Trindade, 1976). A jovem portuguesa que conheci no aeroporto está inserida, portanto, num campo de possibilidades que inclui a longa tradição emigratória da sociedade lusitana, a valorização da emigração no atual contexto de recessão vivido por Portugal, o crescimento econômico do Brasil e a presença de familiares no Rio de Janeiro.

O Brasil não é apenas um possível destino para os portugueses. Na viagem que eu fiz para Puno, em 2012, conheci uma colombiana que morava nos EUA. Depois de uma longa conversa, ela comentou que tinha morado no Rio de Janeiro, onde realizou seu mestrado em Psicologia na UFRJ. Na época que estudou aqui, ela estava casada com um colombiano que também cursava mestrado. Ainda em Puno, conheci um japonês que já tinha morado em São Paulo, onde sua família tem negócios.

Os casos acima nos permitem considerar que a diversificação do perfil dos estrangeiros no Brasil se relaciona com o lugar que o mesmo tem assumido no cenário internacional. Como uma potência regional, o Brasil é um dos principais destinos para os sul-americanos, juntamente com Argentina e Chile (Sala, 2008; OIM, 2012). Como país emergente que ocupa o sexto lugar na economia mundial, o Brasil desperta o interesse de estrangeiros de outros países em desenvolvimento, sobretudo no atual contexto de expansão das relações de cooperação Sul-Sul (Verenhitach *et AL*, 2007). E ainda, o país tem chamado a atenção de estrangeiros oriundos de países desenvolvidos que enfrentam uma crise desde final da década de 2000. Além das condições estruturais dos países de origem e de destino, a diversificação da mobilidade internacional não pode ser compreendida na sua complexidade se não considerarmos os significados que permeiam os deslocamentos.

Um movimento de estrangeiros que recentemente tem chamado a atenção do público brasileiro é o de haitianos. A relação entre Brasil e Haiti se tornou mais próxima a partir de 2004, quando o Brasil, comandando a missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti (MINUSTAH) após a derrubada do governo de Jean-Bertrand Aristide, enviou tropas para o país⁴. Em 2010, o país foi atingindo

⁴ Em seu trabalho sobre a produção do discurso do “fracasso” haitiano, Evangelista (2010) observa que muitos haitianos apresentam uma visão crítica sobre as intervenções- humanitárias, religiosas e

por um forte terremoto que provocou a morte de cerca de 300 mil haitianos e deixou um grande número de desabrigados (Lissardy, 2013). Em 2011, uma epidemia de cólera matou mais de 5 mil haitianos, provocando um agravamento das condições de vida no país e motivando a saída de mais haitianos do país. Mesmo antes destes fenômenos, a emigração já estava presente na vida dos haitianos. Uma prova disso é que cerca de 2 milhões de haitianos vivem no exterior, principalmente nos EUA, Canadá, Cuba, República Dominicana e França, incluindo trabalhadores rurais, estudantes, profissionais qualificados e refugiados. O Brasil é um destino novo para os haitianos (Télémaque, 2012).

No campo das migrações entre países sul-americanos, a vinda de bolivianos para o Brasil recebe destaque. Ela não é um fenômeno recente: seu início data da década de 1950, quando estudantes vieram cursar o ensino superior no Brasil e também por trabalhadores em busca de uma alternativa de vida, tanto na dimensão econômica, como também política e social (Silva, 1997). Será a partir anos de 1980 que a imigração boliviana se incrementará, passando a incluir um número significativo de pessoas no ramo da confecção, mas também no comércio e em serviços e, em profissões qualificadas especialmente na área de saúde, como médicos, enfermeiros e dentistas (Silva, 2007). A Bolívia assume atualmente um importante lugar entre países emissores de imigrantes, incluindo profissionais e técnicos qualificados (Pellegrino, 2000).

A presença sul-americana no Brasil teve como marco a década de 1970, quando diferentes países da região sofreram golpes de Estado que estabeleceram ditaduras. Esta é a fase que o Brasil começa a receber um número significativo de sul-americanos, que saem de seus países para escapar da repressão dos governos (Pizarro et al., 2008; Baeninger, 2008; Etcheverry, 2007). Parte desta migração era composta por profissionais qualificados que, por razões políticas, temiam por sua segurança no país de origem. O Brasil atraiu os sul-americanos pelo seu desenvolvimento econômico e tecnológico naquele período e sua imagem como um país acolhedor para estrangeiros, mesmo num contexto de ditadura (Etcheverry, 2007).

militares- estrangeiras, especialmente sobre as missões da ONU, inclusive a mais recente, comandada pela Brasil.

Desde então, Brasil se tornou um importante polo receptor intrarregional de migração qualificada⁵, assim como Venezuela e a Argentina (Pellegrino e Martinez *apud* Pizarro *et AL*, 2008). Em 2000, Brasil, México e Chile apresentaram as mais altas porcentagens de imigrantes profissionais, técnicos e afins (PTA) em relação a população imigrante economicamente ativa na América Latina e Caribe (CEPAL *apud* Pizarro *et AL*, 2008). No Censo brasileiro de 2000, os imigrantes provenientes da Argentina, Bolívia, Chile e Uruguai, por exemplo, apresentaram níveis de escolaridade mais elevados que a população brasileira, enquanto os paraguaios apresentavam escolaridade semelhante (Sala, 2008).

Apesar do Brasil abarcar diferentes modalidades migratórias, seguindo uma tendência global (Medeiros, 2010), ainda continua a predominar no país uma representação dos estrangeiros como desejado e indesejado segundo uma combinação de aspectos como a origem nacional e a questão racial. Silva (1999) observa que, entre os imigrantes hispano-americanos, os que estão mais sujeitos à discriminação são aqueles que conjugam três características: são oriundos de países pobres, se inserem na sociedade brasileira através do trabalho não qualificado e apresentam um fenótipo indígena. Esta é uma das representações associadas ao imigrante indesejado, imaginado como não tendo nada a contribuir com a sociedade nacional. Os bolivianos com origens indígenas das classes mais baixas, por exemplo, estão sujeitos a uma tripla discriminação:

Menos presentes nos meios de comunicação de massa ou nas pesquisas acadêmicas do que os bolivianos, os peruanos também sofrem com a mesma redução de sua imagem. Quando recebem alguma visibilidade, eles estão relacionados com o trabalho de costura ou envolvidos em atividades ilícitas. Em recente artigo, Patarra (2012) afirmou que "*(a) o analisar o perfil dos migrantes peruanos no Brasil observa-se que poucos possuem alguma qualificação profissional... a maioria dos migrantes peruanos apresenta baixo nível de estudos; são camponeses ou pertencentes a etnias indígenas peruanas*" (Oliveira *apud* Patarra, 2012, p. 11). Utilizando como fonte dois artigos de Oliveira (2008a; 2008b), Patarra generaliza para a população peruana em todo Brasil as características que Oliveira observou na população peruana na Tríplice Fronteira Norte. Este equívoco, além de ignorar a especificidade das migrações na região

⁵ "... alude al desplazamiento de fuerza de trabajo con habilidades y talentos clave para el desarrollo, la innovación, la investigación y la tecnología" (Pizarro et al., 2008:273).

amazônica, pode contribuir para a difusão de uma imagem reduzida dos imigrantes peruanos, que não corresponde à realidade.

Tratamento similar recebe a imigração haitiana. Apesar de ser representada pela mídia como composta na sua totalidade por indivíduos com baixa escolaridade e qualificação, tem no seu interior também indivíduos com níveis de escolaridade médio e superior igualmente afetados pelo terremoto de 2010, como esclarece em entrevista o presidente do Conselho Nacional de Imigração⁶. Télémaque (2012) esclarece que entre os haitianos que ingressam pela fronteira norte do Brasil há trabalhadores qualificados, de nível médio e superior, alguns já com experiência prévia em imigrar. Representada pela mídia como digna de caridade, a imigração haitiana é interpretada como não tendo nada a oferecer ao país receptor e, assim tudo o que ela pode conseguir, na melhor das hipóteses, é ser alvo de ajuda humanitária; na pior, ser barrada na fronteira ou deportada. Esta representação da imigração haitiana também não leva em consideração os haitianos que imigraram para o Brasil em períodos anteriores, como os estudantes universitários (Télémaque, 2012) ou o perfil da imigração haitiana em outros países, como nos EUA, onde há um significativo predomínio de imigrantes qualificados (Pellegrino, 2002).

Enquanto fala-se em “*diminuir o fluxo*” e “*controlar o número de imigrante*”⁷ quando a questão gira em torno dos haitianos no Brasil, a vinda de europeus para o país depois da crise de 2008⁸, ao contrário, é representada como essencial para suprir a demanda brasileira por mão de obra qualificada. A

⁶ "A gente vê alguns com nível de escolarização alto, que têm formação... A maioria das pessoas tem nível de escolaridade de médio incompleto, médio completo, fundamental completo – cerca de 60% da migração haitiana. Superior completo e incompleto são 10%. Fundamental incompleto é grande também. Se levar em consideração que a população brasileira que tem nível superior é de 17%, para eles 10% não é um número tão baixo. Você vê professores, pessoas que falam vários idiomas. Há uma variedade muito grande de qualificações..." (Fala de Paulo Sérgio Almeida, Rede Brasil Atual, 25/11/12).

⁷ "Nós nos deparamos com uma questão humanitária, mesmo não sendo a nossa obrigação a política de imigração. Nos vimos diante de uma situação em que não poderíamos ficar omissos", diz o secretário de Justiça, Nilson Mourão. Para ele, somente um acordo diplomático entre os países que integram a "rota consolidada" poderia *diminuir o fluxo de imigrantes*. "(É uma questão) que precisa ser enfrentada entre Brasil, Bolívia, Peru e Equador", afirma. Mourão avalia que o acordo entre Brasil e Haiti para *controlar o número de imigrantes* não ameniza o problema. Para ele, o tempo de espera pela concessão do visto é demorado e muitos optam pela imigração irregular" (Terra, 28/02/2012).

⁸ De acordo com pesquisa realizada pela OIM, no período de 2008 e 2009 107 mil europeus deixaram o continente, rumo principalmente ao Brasil, à Argentina, à Venezuela e ao México, oriundos da Espanha (47.701), Alemanha (20.926), Holanda (17.168) e Itália (15.701), sendo eles sobretudo jovens, solteiros com formação superior Blog (MiguelImigrante, 06/10/12).

representação dos haitianos e europeus pode influenciar a maneira como eles são tratados pelo Estado e pela sociedade brasileiros. Ambos atuam de uma maneira caracterizada por uma ambiguidade que, apesar de não demonstrar uma rejeição declarada aos estrangeiros, diferenciam os imigrantes de acordo com o que se acredita que ele possa oferecer de benefício para o país (Toledo, 2012; Povoado Neto, 2012). Como afirma Toledo (2012):

No momento em que o governo brasileiro decide limitar a entrada de haitianos, o número de portugueses e espanhóis migrando para o Brasil segue aumentando. A chegada da denominada “mão de obra qualificada” – que, ressalte-se, migra também fugindo da crise do trabalho – é incentivada pelo governo e, celebrada pelas grandes empresas e pela mídia. De fato não há como negar a importância do trabalho qualificado. Por outro lado, será difícil para o governo defender esta política migratória das acusações de racismo. Afinal, por que se denomina de “crise” (ou “invasão”) a chegada de 4 mil haitianos enquanto há 276 mil portugueses no país? Por que aos haitianos e bolivianos não se pode oferecer nada além do direito humanitário, isto é, a gestão biopolítica e compassiva da vida nua?

Para Télamaque (2012), a maneira como a imigração haitiana tem sido representada pela mídia e tratada pelo governo brasileiro indica uma política de imigração de alta seletividade, que na verdade, escamoteia uma seleção racial dos imigrantes: *aos negros estrangeiros só se abririam as portas enquanto chegassem pelos porões do cativo* (p. 53). Uma redução da imagem do imigrante está presente também no que Etcheverry (2012) denomina como “discursos mediadores”, difundido por setores mobilizados da sociedade que se colocam como discursos em defesa dos imigrantes. Analisando mediadores em Porto Alegre, Madri e Buenos Aires, Etcheverry identifica entre eles uma associação entre cultura e pobreza, a partir da qual, já não é mais o imigrante o culpado pelos males da sociedade receptora, mas sim sua cultura. Como solução, o imigrante deveria ser capaz de se integrar, adaptando sua cultura aos moldes aceitáveis da sociedade receptora. Em outras palavras, “... o discurso mediador é um discurso do controle, onde os espaços de autonomia do imigrante vêm se reduzido à uma evocação pontual e palatável de sua cultura de origem” (Etcheverry, 2012, p. 15).

Assim, os novos imigrantes que chegam ao Brasil enfrentam as representações que a sociedade brasileira tem deles e de suas nacionalidades. Num país que na história teve na imigração europeia um projeto civilizatório, a recente imigração de europeus, atualiza a representação do imigrante desejado e

do indesejado, reproduzindo um discurso sobre a migração que é polarizado: de um lado, os europeus, brancos, altamente qualificados que contribuirão para o crescimento do país; do outro, latino-americanos e africanos, negros e índios, pouco escolarizados, que ameaçam a estabilidade econômica e social do país, sobrecarregando os serviços públicos.

Os imigrantes são, portanto, alvo do que Appadurai (*apud* Clifford, 1997) chamou de "congelamento metonímico"⁹: a redução de todo um grupo à uma característica, como, por exemplo, a Índia, que é associada à hierarquia. No caso dos imigrantes, o "congelamento metonímico" se dá com a apressada suposição de que todos os indivíduos de uma mesma nacionalidade apresentam as mesmas características sociais, econômicas, educacionais e étnicas. Grande parte das vezes sem referências a dados confiáveis, esta representação se baseia mais em ideias pré-concebidas que na realidade dos fatos, interferindo de forma vigorosa na maneira como os imigrantes são tratados na sociedade brasileira.

4.1.2

Os brasileiros no exterior

Desde as últimas décadas do século XX, o Brasil tem sido palco de um duplo movimento no cenário das migrações internacionais. Enquanto até a década de 1950 o país era representado como um "país de imigração", ou seja, um país em que o número de imigrantes é maior que o de emigrantes, a partir da década de 1980, aumentou o número de brasileiros saindo do país. Para um país acostumado a imaginar-se como receptor imigrantes, o que significa a emigração? Quais são os sentidos e representações que entram em jogo no fluxo de brasileiros para o exterior?

Antes dos anos 80, a ida de brasileiros para o exterior era pouco expressiva numericamente, quase que restrita a alguns casos de estudantes e profissionais (Patarra, 2005). O desejo de deixar o Brasil alimentado pela crise econômica da década de 80 se somou às oportunidades de trabalho oferecidas aos imigrantes nos países do capitalismo central. Tais oportunidades eram fruto do processo de reestruturação produtiva que segmentou o mercado de trabalho- em primário e

⁹ Metonymic freezing .

secundário¹⁰ (Piore *apud* Sales, 1995)- e flexibilizou a relação entre capital e trabalho, tornando-a mais versátil e dinâmica para os grandes empresários, e mais instáveis e desreguladas para os trabalhadores (Harvey, 1998). Dentre as formas de trabalho que mais recruta imigrantes estão o trabalho em tempo parcial, com remuneração por produção, temporário e o subcontratado. É interessante notar que neste período que os brasileiros emigram o Brasil também começa a receber mais hispano-americanos, como bolivianos e peruanos.

Assim como na emigração peruana (Altamirano, 2000a), o destino que mais atraiu os emigrantes brasileiros foram os EUA: em 2002, cerca de 1,2 milhões de brasileiros estavam no país norte-americano (MRE-Brasil *apud* Marcus, 2009). De acordo com estimativas do Ministério das Relações Exteriores, entre 2 a 4 milhões de brasileiros viviam fora do Brasil (Sasaki *apud* Feldman-Bianco, 2010). Além dos EUA, outros importantes destinos para os brasileiros eram a União Europeia, majoritariamente Reino Unido, Portugal e Espanha; Japão e ainda, países limítrofes, como Paraguai, Bolívia, Venezuela e Colômbia¹¹ (Almeida, 1995; Baeninger, 2008). Entre os brasileiros que emigram para países não limítrofes predomina o perfil de indivíduos jovens¹², das camadas médias urbanas, com nível de escolaridade de médio a alto que, na grande parte, exercem no exterior atividades laborais abaixo da qualificação que possuem (Feldman-Bianco, 2010; Patarra, 2005; Sales, 1995). Antes de emigrar, muitos deles estavam empregados na sua área de formação, porém, avaliaram como vantajoso deixar o emprego no Brasil para “tentar a vida” no exterior.

Ainda que esteja relacionada a um processo de deterioração do padrão vida no país de origem, a emigração predominante de indivíduos das classes médias indica que, no caso do Brasil, ela está relacionada menos com a garantia da

¹⁰ “Os empregos no mercado de trabalho secundário são aqueles que requerem pequeno ou nenhum treino, estão na mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados por uma elevação da rotatividade” (Sales, 1995, p. 7).

¹¹ A migração transfronteiriça apresenta um perfil particular: elas são empreendidas por populações que identificaram no outro lado da fronteira uma oportunidade de desenvolver uma atividade econômica, sendo as principais delas a produção agrícola (na Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina) e o garimpo (na Venezuela, Colômbia, Bolívia, Guiana e Guiana Francesa). Um exemplo emblemático de migração transfronteiriça são os *brasiguaios*, brasileiros que desde 1960 adquirem terras no Paraguai, onde passam a viver e produzir (Almeida, 1995).

¹² No caso da emigração para o Japão, no primeiro momento ela era caracterizada por ter uma faixa etária mais elevada e apresentava um grande número de casados, perfil que foi se modificando com o crescimento do número de imigrantes jovens e solteiros (Sasaki, 1995; 2006).

subsistência do que na busca por ascensão social (Bógus, 1995), o que inclui receber salários mais altos que no Brasil, mesmo quando realizando atividades menos qualificadas e prestigiadas; ter acesso a bens que no Brasil seriam de difícil aquisição, como a casa própria; e ainda viver uma experiência internacional, tão valorizada na expansão da globalização.

A entrada do Brasil na lista de países "exportadores de mão de obra" provocou impactos não apenas na demografia do país- especialmente nas áreas de onde mais partem imigrantes, como Governador Valadares (Soares, 1995; Sales, 1995; Assis, 2000) e Criciúma (Assis, 2007), mas também colocou em xeque as representações do próprio país como um tradicional receptor de imigrantes. Por trás do emblema de "país de emigração" subjaz a ideia de que o cidadão não teria nenhuma razão para deixar seu país a não ser que este não seja capaz de garantir os meios de subsistência. Por isso, o país que recebe tal alcunha é representado como incapaz de oferecer as condições necessárias para manter seus cidadãos em seu território.

A sólida presença de brasileiros no exterior (Oliveira, 2006; Sales, 1995; Sasaki, 1995; 2006); abre um espaço para que eles (re)pensem a si mesmos e ao Brasil em relação ao mundo. Tanto a sociedade receptora, quanto a emissora elaboram representações sobre a imigração e os imigrantes que serão fundamentais na sua incorporação ou exclusão na sociedade local (Feldman-Bianco, 2010). Analisando reportagens veiculadas em jornais brasileiros entre 2001 e 2005, Póvoa Neto (2006) observou que o número de notícias sobre imigração havia triplicado, predominando temas como prisão e deportação de brasileiros indocumentados, o envolvimento de brasileiros em redes de exploração sexual e tráfico de pessoas, a imigração clandestina e ainda, as duras condições de vida e trabalho no exterior¹³. Assim, a mídia impressa contribuía para a difusão da imagem do emigrante brasileiro associado à precariedade no trabalho, na vida ou no status legal.

Os brasileiros em Nova Iorque (Margolis,1995), por outro lado, se autoremamentam como exitosos e bem-sucedidos enquanto se diferenciam dos

¹³ Póvoa Neto (2006) destaca que a crescente presença da emigração brasileira nos jornais nacionais não está vinculada apenas com o aumento do número de brasileiros no exterior, mas também com interesses comerciais das empresas de comunicação. Um exemplo disso foi a maior cobertura sobre casos de deportação de brasileiros dos EUA pelas organizações Globo quando esteve no ar a novela "América".

brasileiros recém-chegados, que, segundo eles, são “*semi-analfabetos, de pouca cultura, mais pobres*”, de “*baixo nível social*” (p. 12), mesmo quando não conhecem nenhum brasileiro nesta condição. Esta era o que a autora denominou como “*a classe baixa invisível*”: usada como parâmetro de distinção, ela encarna tudo o que os brasileiros não querem ser. Por executarem trabalhos de baixa qualificação, eles temem ser confundidos como pertencentes às classes mais baixas, por isso, os brasileiros transferem os atributos negativos aos quais estão sujeitos a outros co-nacionais, mesmo quando conhecem pessoas que encaixam no perfil de emigrante brasileiro que eles mesmos constroem. Um emigrante brasileiro, enfurecido, reclamou que Margolis escreveu num jornal local que os brasileiros em Nova Iorque trabalhavam como empregados domésticos, engraxates e auxiliares de garçom, omitindo as “*histórias de sucesso*” (Margolis, 1995, p. 13). Questionando o artigo de Margolis, o brasileiro entrou na disputa pela difusão de imagem positiva dos brasileiros em Nova Iorque¹⁴.

Em Miami, os brasileiros alimentam um ressentimento em relação ao Brasil, representando-o como um país “*sem jeito, sem saída, sem condições de vidas*”, imagem corroborada pela imprensa brasileira nos EUA (Oliveira, 2006, p. 13). Entretanto, eles também declaram “*ter orgulho de ser brasileiro*”, devido ao que acreditam ser uma idiosincrasia do Brasil: o povo alegre, festivo, amigável, otimista, caloroso, capaz de ser feliz mesmo na pobreza; a natureza exuberante; o futebol e a beleza da mulher brasileira (p. 14). Estes exemplos nos mostram que os brasileiros no exterior são personagens importantes que contribuem para a difusão internacional de uma determinada representação do Brasil que reforça os estereótipos, como o país do futebol, de mulheres bonitas e um povo hospitaleiro. Como veremos mais adiante, esta é a representação de Brasil que predomina no imaginário peruano que levará muitos dos estudantes acreditarem que o Brasil é um bom destino para quem quer sair do Peru.

¹⁴ Para uma reflexão teórica dimensão de poder presente na escrita etnográfica ver Clifford, 1998. Para um estudo de caso sobre o poder na construção de um discurso sobre os imigrantes ver Etcheverry (2012).

4.2

O Brasil e a mobilidade estudantil internacional

Assim como os imigrantes avaliam as oportunidades fora do país e as dificuldades dentro dele para realizar seus projetos, os estudantes que ingressam em universidades estrangeiras também avaliam as condições que seu país oferece para seu desenvolvimento acadêmico, pessoal e profissional em comparação a outros países. Para os estudantes latino-americanos, ingressar em universidades fora do país pode representar uma oportunidade para obter um diploma mais respeitado no mercado de trabalho nacional e internacional, principalmente se o diploma tiver sido adquirido num país desenvolvido. Entre as motivações que levam os latino-americanos a estudar no exterior, sobretudo nos níveis de pós-graduação, estão ainda a chance de viver uma experiência internacional, a centralidade da produção de saber- que estabelece desigualdades na produção acadêmica entre os países-, a expectativa de se inserir no mercado de trabalho e receber maiores salários no país em que se formou (Pizarro et al., 2008, p. 289). Neste quadro, o Brasil pode se tornar uma opção, como analisa a renomada socióloga Elisa Reis, no caso das Ciências Sociais:

O interesse de certos países latino-americanos por nossos cursos de pós-graduação é enorme e está crescendo. Não temos ainda uma visão de conjunto, e acho que a questão está merecendo um estudo: o impacto dos programas de pós-graduação e pesquisa no Brasil junto aos países da América Latina (Reis, 1997).

Nas últimas décadas do século XX, o número de estudantes fora do país aumentou consideravelmente. Em 1950, 108.000 estudantes faziam cursos no exterior; em 1960, o número passou para 238.000 e para 915.859 no início dos anos 80; nos anos 90, o número de estudantes no exterior chegou a 1.377.216 (Latreche, 2001, p. 14). A mobilidade estudantil internacional segue três principais rotas: a mais percorrida é a de estudantes que saem de países em desenvolvimento rumo a países desenvolvidos (62% do total); na segunda rota, o descolamento se dá entre países desenvolvidos (30%) e a terceira se estabelece entre países em desenvolvimento (8%) (Ennafaa *apud* Nogueira et al., 2008). Esta última é a percorrida pelos estudantes peruanos no Brasil. Em 2004, os 2.5 milhões de estudantes universitários estrangeiros no mundo tinham como

principais destinos EUA (23%), Reino Unido (12%), Alemanha (11%), França (10%), Austrália (7%) e Japão (5%) (UNESCO *apud* Desidério, 2006). Outros países surgem como polos emergentes de produção científica no mundo, conquistando um crescente espaço na esfera da internacionalização da educação como China, Índia e Brasil (Luchilo, 2011b).

Desde a década de 1950, a preocupação do Brasil com a produção científica como uma política nacional motivou a construção das agências de fomentos CAPES e CNPq, que visam fortalecer o ensino de pós-graduação e a pesquisa no país. O fim da Segunda Guerra Mundial, que culminou com a explosão da bomba atômica, aqueceu o debate em torno da produção científica como um elemento fundamental para a soberania e o desenvolvimento nacional, o que inspirou a formação das duas agências nacionais de fomento (Rosa, 2008). Neste contexto, a concessão de bolsas para alunos brasileiros cursar a pós-graduação no exterior se tornou uma das estratégias para consolidar uma agenda brasileira de pesquisa que fosse capaz de, ao mesmo tempo, atender as demandas do país por um conhecimento que compreendesse suas especificidades e seguisse os parâmetros científicos internacionais. No período de 1986 a 2000, a CAPES e o CNPq, juntos, concederam 1.3819 bolsas, grande parte destinada aos EUA, França e Grã-Bretanha (Mazza, 2009).

Recentemente, a internacionalização da educação através de iniciativas do governo brasileiro atingiu de maneira mais ampla os estudantes de graduação. Em 2011, foi lançado o programa Ciência Sem Fronteiras, do CNPq, que, entre outras medidas, concede bolsas de estágio no exterior a alunos de graduação de áreas como Engenharias e Ciências Biológicas. O programa tem o objetivo de consolidar a ciência e tecnologia brasileiras, através da mobilidade internacional. Os estudantes de graduação selecionados têm a oportunidade de cursar até 2 semestres numa universidade estrangeira. Até 2014, a meta do programa é conceber um total de 75 mil bolsas. O programa também oferece bolsas de pós-graduação e incentiva a circulação de docentes. Apesar de reconhecida a importância da iniciativa, o programa Ciência Sem Fronteiras foi criticado por diferentes associações científicas por excluir do seu escopo alunos das áreas de

Ciências Sociais e Humanidades e não incluir na lista de universidades receptoras instituições localizadas em outros países em desenvolvimento¹⁵ (ver anexo 6).

Apesar de ainda não se configurar um fenômeno numericamente expressivo, desde as últimas décadas do ano 2000, a presença de estudantes estrangeiros em universidades brasileiras tem sido uma realidade em diversas partes do Brasil. Entre 2011 e 2012, o Ministério das Relações Exterior apontou um aumento no número de emissão de visto de estudantes, especialmente para colombianos, portugueses, franceses e espanhóis¹⁶. Os latino-americanos alcançaram o maior número de matriculados em 2012, com 4.541 alunos, 50,16% a mais que no ano anterior. No entanto, os europeus, foram os que apresentaram a maior taxa de aumento no número de estudantes em instituições brasileiras, atingindo um crescimento de 67%, com 4.472 matriculados (Cortez, 2013).

Os motivos que levaram estes últimos a optarem pelo Brasil, se diferenciando das três principais rotas de estudantes estrangeiros, variam entre a chance de conviver com uma cultura diferente da europeia e de estreitar relações com um país emergente que pode lhe oferecer oportunidades de emprego, principalmente no atual contexto de crise no continente europeu. Luchilo (2011b) aponta que a mobilidade estudantil está inserida numa tendência cultural entre os jovens tanto de países desenvolvidos quanto de países em desenvolvimento, que compartilham o desejo de experimentar a vida no exterior como parte de sua formação¹⁷. Ou seja, a mobilidade estudantil internacional não se restringe apenas à uma dimensão econômica, com vistas a um emprego no país receptor.

¹⁵ Ver carta escrita pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP), Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) e a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) endereçada ao CNPQ no dia 29 de setembro de 2011 (em anexo).

¹⁶ O percentual de aumento de emissão de vistos de estudantes para as nacionalidades foi de respectivamente 24%; 25,8%; 18,6%; 18,4%.

¹⁷ Na universidade americana onde estudei durante a graduação, era muito comum que os jovens americanos estudassem em outros países. Antes de eu ir para a universidade americana, um estudante da universidade veio cursar um semestre na minha universidade. Em todo o campus da universidade americana havia cartazes que programas de intercâmbio por diferentes países do mundo. Na Europa, um importante programa de intercâmbio entre a União Europeia é o programa Erasmus (Luchilo, 2011b).

4.2.1

Mobilidade estudantil e política nacional

A imigração tem como inerente o fato de ser seletiva: os indivíduos que migram são aqueles que possuem algum tipo de capital humano que os distingue da comunidade de origem, seja pelo nível educacional, pela capacidade de assumir riscos e viver situações novas (Pizarro et al., 2008; Pellegrino, 2000) ou estar integrado a uma rede de relações que apoie a migração (Ramella, 1995). O estudante estrangeiro se constitui um imigrante seletivo em potencial, tendo a chance de se inserir na sociedade receptora sem ter que assumir os custos- emocionais e materiais- de ser um trabalhador- qualificado ou não- num país estrangeiro. O estudante pode se tornar um imigrante seletivo e qualificado quando concluir os estudos.

Para o Canadá, por exemplo, receber estudantes estrangeiros está intimamente ligado à sua política de imigração, que oferece facilidades aos ex-estudantes regularizar-se como imigrantes depois de formados. Tal política parte do princípio que o estudante estrangeiro, antes de ser regularizado como imigrante, já estaria mais adaptado à cultura canadense do que o imigrante que não teve nenhum contato prévio com a cultura do país. Por isso, no processo de regularização da imigração, o estudante estrangeiro é privilegiado (She, 2011). Na Austrália, os estudantes estrangeiros também são vistos como os imigrantes ideais. Visando que os estudantes estrangeiros continuem no país depois de formados, a Austrália elaborou uma política para facilitar a mudança do visto de estudante para permanente, que possibilite ao estudante se tornar um imigrante, ou o que ele denominou como um *student-turned-migrant*- um estudante que virou imigrante (Robertson, 2008).

A mobilidade estudantil pode se tornar um meio para suprir a demanda dos países por mão-de-obra qualificada, sobretudo em momentos de expansão da economia e em áreas de conhecimento altamente especializadas. Diferentemente do Canadá e da Austrália, que desenvolvem uma política de imigração que facilita a permanência do estudante estrangeiro no país depois de formados, no Brasil, não há nenhuma política oficial que ofereça facilidades para os estudantes estrangeiros

regularizar seu status legal, mesmo nas áreas com grande demanda de profissionais qualificados, como as engenharias.

Os estudantes peruanos, por exemplo, enfrentavam muitas dificuldades para continuar legalmente no Brasil depois de concluir os estudos. Para evitar permanecer no país de forma ilegal, alguns prolongaram sua estadia como estudante, ingressando em cursos de pós-graduação; outros ainda optavam pelo casamento com cônjuge brasileiro ou ter um filho nascido no país. Os peruanos que tentaram obter o visto através do trabalho, como Tomás, só o conseguiu depois de uma longa busca, pois as empresas não se mostravam dispostas a arcar com a burocracia que a contratação de um estrangeiro exige.

Quando estava terminando o mestrado, Douglas buscou emprego em muitas empresas, mas, ao contrário de Tomás, nunca chegou a ser contratado. Como engenheiro, as empresas exigiam dele a inscrição no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (CREA), o que ele não conseguiu realizar devido à insuficiente clareza dos procedimentos. Douglas então decidiu emendar o mestrado no doutorado e ao término deste, foi contratado pela universidade onde estudava para continuar trabalhando, agora não mais como aluno, mas como pesquisador- o que não requer inscrição no CREA.

Desde o início de 2012, os cidadãos peruanos são beneficiados pelo acordo de residência MERCOSUL, através do qual podem solicitar o visto permanente, que garante, entre outras coisas, o direito a trabalhar legalmente no Brasil. No entanto, o acordo não põe fim às dificuldades em obter a inscrição nos conselhos profissionais, o que continua sendo um grande entrave aos estrangeiros para exercer determinadas profissões no Brasil, entre elas, a Engenharia.

Apesar de não apresentar uma política de direta associação entre estudantes estrangeiros e migração qualificada, o estado brasileiro tem no oferecimento de bolsa para estudantes de países em desenvolvimento uma importante estratégia de se posicionar internacionalmente. Logo após o terremoto que atingiu o Haiti em 2010, foi divulgada a notícia que a embaixada brasileira cadastraria os haitianos que, impossibilitados que continuar sua formação superior no país, gostariam de estudar no Brasil. No entanto, a iniciativa não foi concretizada na sua integralidade, como criticam Thomaz e Nascimento (2012):

Em fevereiro de 2010, com grande fanfarra se anunciou que o Brasil ofereceria pelo menos 500 bolsas a estudantes da rede universitária haitiana... Por todo o Brasil, universidades se ofereceram para recebê-los. Era crucial que viessem rapidamente, pois suas faculdades estavam em ruínas, seus estudos paralisados e a continuidade de sua formação seria decisiva para a reconstrução. Numa irônica coincidência, foram também quase 4 mil os estudantes que se candidataram no que teria sido o maior programa de intercâmbio internacional da história da educação brasileira. Somente mais de um ano e meio após a tragédia é que, às duras penas, foi possível trazer, dos 500 anunciados, não mais que 80 estudantes, alguns dos quais já tiveram sua bolsa cancelada ou limitada...

O exemplo acima deixa nítido o princípio subjacente à oferta de bolsas de estudos por parte do governo brasileiro a cidadãos de países em desenvolvimento, como os programas PEC's¹⁸: as bolsas de estudos se tornam um tipo de política externa brasileira. O PEC-G e o PEC-PG se enquadram num esforço do país em se consolidar internacionalmente como um importante pólo de produção de ciência e os estudantes estrangeiros são os mediadores da relação entre os dois países. Segundo o discurso oficial¹⁹, estes programas se enquadram numa política de cooperação Sul-Sul, cujo objetivo seria estimular o desenvolvimento de ambos de forma mais igualitária e participativa do que aconteceria numa cooperação entre países desenvolvidos e os em desenvolvimento. Por isso, uma das cláusulas dos PEC-G e PEC-PG é que o aluno regresse ao seu país após a conclusão do curso, aplicando lá o conhecimento adquirido no Brasil.

Desde o primeiro governo Lula, o país tem buscado aprofundar suas relações com outros países além dos desenvolvidos. É justamente no início dos anos 2000 que as bolsas PEC-G, antes amplamente compartilhadas entre cidadãos latino-americanos, passam a contar com uma crescente participação de cidadãos de países da África subsaariana. Este período corresponde à expansão das relações comerciais do Brasil com os países africanos, como analisa Santos (2012) em seu estudo sobre a trajetória de estudantes oriundos da República Democrática do Congo (RDC) no Rio de Janeiro:

Mais especificamente sobre as relações entre RDC e Brasil (...) durante os anos do primeiro mandato de Lula, o saldo da balança comercial entre os dois países teve um crescimento de 2.573,63% (...). Só é possível um crescimento deste volume quando, em comparação com o período anterior, se tem um saldo comercial ínfimo. (...) Assim, a meu ver, 2.573,63 % indica menos um saldo comercial propriamente dito e mais a tomada de uma determinada direção de política de Estado. (Santos,

¹⁸ Ver explicação do PEC-G e PEC-PG no capítulo 2.

¹⁹ <http://www.itamaraty.gov.br/temas/difusao-cultural/educacao>

2012, p. 42)

Reforçando a tese de Santos (2012), o Itamaraty reconheceu que os programas educacionais para estudantes estrangeiros são uma modalidade de cooperação que para além de ter como objetivo formar profissionais qualificados que contribuam para o desenvolvimento dos países emissores, ela amplia a aceitação do Brasil em países até então distantes política e economicamente:

O grande diferencial da cooperação educacional em relação às outras modalidades de cooperação prestadas pelo País diz respeito à formação de recursos humanos receptivos ao Brasil, formando potenciais interlocutores do Governo e de empresas brasileiras em diversos países, fomentando o engrandecimento da projeção brasileira no exterior²⁰.

Publicada no balanço das políticas externas brasileiras no período de 2003-2010, esta avaliação deixa claro que o governo brasileiro vê os egressos estrangeiros de universidades brasileiras como agentes que garantirão uma maior abertura para o Brasil em seus países de origem. Para isso, é salutar o retorno do ex-bolsista estrangeiro para seu país não apenas para o seu próprio desenvolvimento, mas também para que o Brasil alcance o objetivo de ampliar seu raio de influência internacional, aproximando-se cultural, acadêmica, econômica e politicamente de outros países em desenvolvimento.

Outra iniciativa do governo brasileiro visando ampliar seu papel no cenário internacional da educação, mais especificamente no contexto latino-americano e africano foi a construção de duas universidades públicas voltadas para a integração de alunos brasileiros com latino-americanos e africanos de origem lusófona: a UNILA e a UNILAB. Fundada em 2010, a UNILAB, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia afro-brasileira, está localizada na cidade de Redenção, no Ceará (CPLP). Já a Universidade Federal da Integração Latino Americana, UNILA, se localiza na cidade de Foz do Iguaçu. No processo seletivo da UNILA, 50% das vagas são reservadas para alunos estrangeiros, cuja seleção é feita pelos Ministérios de Educação de seus países de origem. Em 2011, pela

²⁰ <http://www.itamaraty.gov.br/temas/balanco-de-politica-externa-2003-2010/8.2.5-promocao-cultural-cooperacao-educacional>

primeira vez a UNILA recebeu um grupo de 9 alunos peruanos, de diferentes partes do país.

No entanto, as expectativas de benefício para os países receptor e emissor, no caso do Brasil e dos programas PEC`s não são acompanhadas de políticas que tornem tais expectativas uma realidade. Por fim, são os estudantes, os protagonistas no processo de sair do país, escolher o Brasil e tomar a decisão, depois de formados, se ficarão no Brasil, retornaram para o país de origem ou migrarão para um terceiro. Enquanto matriculados em universidades brasileiras, os estudantes estrangeiros não contam com um apoio institucional organizado, que o ajude a se adaptar ao Brasil. Tal cenário fica explícito na carta aberta à comunidade escrita em 2011 pelos estudantes participantes do PEC-G na UFRGS²¹ e na reclamação da *Asociación de Padres Becarios de la UNILA*²², diante da morte de um estudante equatoriano na universidade.

4.2.2

Mobilidade estudantil internacional e imigração qualificada

Por outro lado, a mobilidade estudantil internacional pode ser interpretada de diferentes maneiras, entre elas, como um processo que pode levar à “fuga de cérebros” (*brain drain*). Segundo tal perspectiva, a desigualdade entre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento teria relação com a capacidade que eles têm de formar e atrair profissionais qualificados para trabalhar no mercado de trabalho nacional. Os países desenvolvidos teriam mais condições de formar profissionais especializados e ainda atrair os profissionais de outras partes do mundo, provocando assim uma concorrência internacional por mão-de-obra qualificada. Os países em desenvolvimento enfrentariam uma dupla dificuldade: primeiro, de formar profissionais altamente qualificados e segundo, criar

²¹ <http://www.ufrgs.br/caar/wp-content/uploads/2011/08/Carta-a-toda-comunidade-acad%C3%A4mica-da-UFRGS.pdf>

²² “Édison Guerra, presidente de la Asociación de Padres de Familia becarios en la Unila, explico que ninguna de las ofertas que incluía esta beca se han cumplido: “Nuestros hijos están alojados en casas de citas, el rubro para alimentación solo alcanza para el almuerzo, el transporte cubre medio mes y, lo más grave, la universidad está en proceso de institucionalización y por lo tanto no está acreditada. ¿Cómo permitieron que enviemos a nuestros hijos con una beca en una universidad que es proyecto en Brasil?”. <http://oestrangeiro.org/2012/06/05/unila-mala-situcion-de-los-becados-ecuatorianos/>

mecanismos para retê-los no país (Altamirano, 2006; Luchilo, 2011; Pellegrino, 2000; Pellegrino e Calvo, 2001).

A teoria da “fuga de cérebros” parte do princípio que os recursos humanos capacitados são um insumo central- porém escasso- no desenvolvimento econômico e social dos países. Sua migração de país em desenvolvimento para um desenvolvido representaria uma perda para o país de origem e um ganho para o país de destino, aprofundando as desigualdades entre eles (Luchilo, 2011a). Neste panorama, os estudantes estrangeiros se tornaram fonte de preocupação, principalmente quando eles se formam no país de origem, vão para o exterior realizar a pós-graduação, mas não retornam depois de concluídos seus cursos (Luchilo, 2011b; Moreno, 2012; Pellegrino 2000). Os países desenvolvidos, por sua vez, elaboram diferentes estratégias para atrair os melhores profissionais de outras regiões do mundo, como facilitar a concessão de vistos para o profissional e sua família (Pizarro et al., 2008) e oferecer bolsas de estudos de pós-graduação para alunos estrangeiros com bom desempenho acadêmico²³, como faz os EUA (Luchilo, 2011b).

Outras abordagens sobre a imigração qualificada propõem a análise desse tipo de mobilidade como trazendo benefícios não apenas para o país receptor, mas também para emissor, concomitantemente. A perspectiva do *brain circulation*, por exemplo, se baseia na ideia de que a circulação de profissionais por múltiplos países possibilita uma circulação do conhecimento adquirido por eles ao longo de sua trajetória. A partir dessa experiência, os imigrantes qualificados se transformariam em agentes que constroem vínculos com diferentes espaços de pesquisa e desenvolvimento entre os países centrais e o seu país de origem (Pizarro et al., 2008; Pellegrino, 2000). Um exemplo de iniciativa que se enquadra no *brain circulation* são as redes de conhecimento da diáspora (RDC), associações que reúnem imigrantes altamente qualificados que desejam contribuir com seus países de origem (Meyer, 2011). Nesta perspectiva, o imigrante qualificado deixa de ser visto como capital humano que deve retornar para o país de origem, para ser entendido como capaz de mobilizar um capital social transnacional que contribua para o desenvolvimento do país de origem (Barré et al. *apud* Meyer, 2011).

²³ Na Universidad Nacional de Ingeniería (UNI), no Peru, os melhores alunos são convidados para cursar pós-graduação no exterior, em países como China e EUA.

Um elemento fundamental para que os emigrantes continuem a participar da vida cotidiana do país emissor a ponto de investir nele, seja através de remessas ou participando de redes de conhecimento, são os laços que eles mantêm com o mesmo. Por isso, muitos estados marcados pela emigração investem em estratégias para aproximar-se de suas populações no exterior, incentivando a manutenção de vínculos entre eles que sejam revertidos em remessas e outras formas de investimentos. A visita do secretário português de Juventude e Desporto ao Brasil com o objetivo de estimular jovens luso-brasileiros a investirem em Portugal é um exemplo desse tipo de estratégia.

4.3 Quando o Brasil entra no mapa

Para grande parte dos estudantes peruanos, o Brasil não era um país onde eles planejavam morar, nem mesmo visitar. Entre aqueles que tinham o desejo de sair do Peru, os países mais presentes em seus planos e mapas mentais eram os localizados na Europa e na América do Norte. Na América do Sul, Argentina e Chile chegaram a figurar como destinos possíveis para alguns deles. Entretanto, nenhum dos jovens peruanos tinham o Brasil como primeira opção, assim como acontece com estudantes estrangeiros de outras nacionalidades que vêm estudar no Brasil.

Os estudantes moçambicanos que participaram da pesquisa de Subuhana (2005) tinham preferência pelos países de língua inglesa, como EUA, Inglaterra, Austrália e África do Sul. Portugal também era um destino imaginado, principalmente pela língua em comum e pela histórica colonização. No entanto, os altos custos de vida dos outros países e o fato do Brasil também ser um país lusófono despertou o interesse dos moçambicanos por este novo destino. Eles optaram pelo Brasil motivados por suas redes de relação, das quais participavam moçambicanos ex-estudantes de universidades brasileiras que compartilham com os amigos suas experiências no exterior. Os moçambicanos egressos de universidades brasileiras inspiram outros jovens a escolherem o Brasil como país para realizar o Ensino Superior.

Assim como no caso dos estudantes moçambicanos, o Brasil nunca ocupou um lugar de destaque na geografia simbólica (Bálsamo, 2009) dos estudantes cabo-verdianos (Hirsch, 2008) e congoleses (Santos, 2012). Os cabo-verdianos optam tradicionalmente por Portugal, pelo valor simbólico que obter um diploma no país europeu tem para eles desde os tempos coloniais. Contudo, a possibilidade de conseguir bolsa e o menor custo de vida no Brasil tornaram o país latino-americano comparativamente mais atrativo, apesar de, para os cabo-verdianos, estudar no Brasil apresentar um *status* inferior que estudar em Portugal (Hirsch, 2008, p.123). Para os congoleses, a oferta de bolsas também pesou na decisão pelo Brasil. Outro fator que contou para esta decisão foi o fato de não haver no Brasil uma consolidada imigração congolesa que restringisse os estudantes a circular por uma rede de parentes. Os estudantes congoleses preferiram vir para o Brasil do que para outros destinos populares entre seus conterrâneos, onde têm familiares. No Brasil, os estudantes congoleses contam com uma rede de amigos, que, ao contrário das redes de parentesco, lhes dão mais espaço para viver de maneira mais autônoma (Santos, 2012).

Gladys também nunca havia pensado em estudar no Brasil até descobri as oportunidades de bolsa. O contato que ela tinha com o país no período em que começou a planejar a saída do Peru era escasso. Ela tinha o ardente desejo de sair do Peru, por isso, quando estava prestes a terminar o ensino médio, em meados dos anos 90, começou a visitar as embaixadas estrangeiras no Peru em busca de uma bolsa de estudos. Ela gostaria de ter ido para os EUA, porém não encontrou bolsa e sua família não podia arcar com os custos de uma graduação norte-americana. Gladys reflete o porquê de nunca ter pensando em estudar no Brasil:

Eu acho que a gente tem mais informação da Rússia que do Brasil. Agora eu não sei como está, mas na época que eu vim, apesar de ficar perto do Brasil, a gente não tinha muita informação, a não ser um pouco das novelas brasileiras que começavam a passar. Mas a gente não sabia o que vocês pensavam... A gente não tem... não chegava música brasileira... Português era muito mais desconhecido que inglês.. Então, tipo assim, apesar da proximidade, a gente não tinha muito proximidade... Não tinha muito conhecimento sobre a cultura daqui (do Brasil). Gladys.

Gladys expressa a sensação que muitos outros estudantes também sentiram quando se viram diante da possibilidade de vir para o Brasil. A oportunidade pareceu boa, porém, eles refletiam que, mesmo o Brasil estando mais próximo

geograficamente do Peru que outros países, o português era mais desconhecido que o inglês e eles sabiam menos do Brasil do que da Rússia, Espanha ou Alemanha, importantes destinos para jovens estudantes peruanos. Entre os jovens peruanos que alimentavam o anseio de sair do país, estes são os quatro países mais mencionados como lugares para onde gostariam de morar. Enrique se recorda que desde pequeno, seu pai dizia que ele deveria sair do Peru. Ele gostaria que o filho fosse para a Rússia para viver uma experiência internacional e conviver com o socialismo de perto. O pai de Sofia também a incentivava a ir para Rússia, país onde ele e sua esposa, a mãe de Sofia, fizeram sua formação superior. Sofia gostava da ideia, mas quando decidiu sair do Peru para estudar, a Rússia estava numa condição econômica difícil e as bolsas que oferecia eram insuficientes para arcar com o custo de vida no país.

Importante país na atração de imigrantes, os EUA eram a opção mais popular entre os jovens peruanos. Alguns queriam ir para o país pelo contato prévio que já tinham com a cultura de massa americana, como os filmes, a moda, a comida e a música. Leyla, por exemplo, lembra que quando era pequena, enquanto seu pai escutava música clássica, seus irmãos escutavam rock em língua inglesa. Eles estudaram inglês desde criança e uma de suas irmãs gosta muito de vestir roupas de grandes marcas americanas, como *Nike* e *Adidas*. Além do contato com os EUA através da cultura de massa, alguns jovens pensaram em estudar lá porque já tinham parentes residindo em diferentes partes do país, como Gladys e Luis Fernando.

Já a Alemanha era uma opção principalmente para os jovens das carreiras de Engenharia, que se impressionam com o nível de desenvolvimento do conhecimento que o país tem nessa área. Se tivesse que sair do Peru, Victor iria para a Alemanha. Como ele nunca chegou a ter um projeto concreto de ir para o exterior, nunca buscou oportunidades reais para ir para lá. Tomás também pensou em ir para a Alemanha, onde já tinha feito um intercâmbio de três meses quando estava no Ensino Secundário. Entretanto, quando decidiu fazer mestrado no exterior, preferiu ir para um país mais próximo do Peru. A Espanha também ocupava um lugar no mapa dos jovens peruanos que queriam sair do país, principalmente pelo idioma, por estar localizado na Europa e, em alguns casos, por já ter parentes ou amigos morando no país.

O Brasil passou a figurar no mapa dos jovens peruanos como um possível destino de duas maneiras: quando conheceram outros jovens que percorreram a mesma rota ou depois que conseguiram uma bolsa para o Brasil e não para os lugares preferidos. Guillermo, por exemplo, queria fazer mestrado na Rússia, porém, depois de esperar meses uma resposta do seu pedido de bolsa, desistiu da Rússia e aproveitou a bolsa que tinha recebido do Brasil. Victor, por outro lado, nunca tinha imaginado seriamente sair do país, mas foi convencido por um amigo com quem cursou a graduação que valia a pena ingressar no mestrado em Engenharia da PUC-RJ, assim como aconteceu com Eduardo²⁴. Já Leyla se interessou em vir para o Brasil depois que teve um amigo brasileiro pela *internet*, que compartilhava com ela músicas brasileiras e a incentivou a visitar o país. Depois de uma viagem de passeio para o Rio de Janeiro e São Paulo, Leyla, que já tinha vontade de sair do Peru, começou a estudar português e decidiu solicitar uma bolsa pelo PEC-PG.

Estes exemplos nos mostram que a escolha do destino é permeada por uma complexa gama de reflexões, em que entra em jogo a representação dos jovens sobre os países que consideram mais apropriado para empreender seus projetos. As opções de destinos têm como base o contato prévio que o futuro estudante tem com o país, seja visitando-o pessoalmente, seja através das representações difundidas pelos amigos, familiares, meios de comunicação e pelo universo acadêmico, quando ele ainda está no Peru. No caso de um destino ainda pouco conhecido entre os peruanos, como o Brasil, sua escolha foi construída principalmente através da rede de relações. Raros são os casos de jovens que escolhem o destino sem saber quase nada dele ou sem ter relação com pessoas conectadas com o país- como Gladys e o Enrique. Nestes dois casos, o que permitiu que a ideia de estudar no Brasil fizesse sentido foi o projeto de sair do Peru.

4.3.1

O país das novelas

As novelas desempenharam um importante papel na construção de uma ideia de Brasil antes dos estudantes chegarem aqui. Elas começaram a ser transmitidas no Peru nos anos 1980 e conquistaram a audiência do público

²⁴ Ver subitem 2.5.

peruano, já familiarizado com as novelas mexicanas. As novelas brasileiras surpreenderam os peruanos, primeiro por aproximá-los do Brasil, um país pouco conhecido pelo peruanos. Os arranha-céus de São Paulo, as belas praias do Rio de Janeiro, as largas avenidas das duas cidades mostravam aos peruanos um Brasil desenvolvido, próspero e moderno que valia a pena ser visitado. As novelas também surpreendiam por sua descontração, pelo senso de humor e pelas tramas que contavam. Para os peruanos, o estilo brasileiro de fazer novelas se diferencia do modelo mexicano, muito popular entre os países latino-americanos, pelo seu enredo mais leve e mais bem-humorado.

As novelas se tornaram a "porta de entrada" do Peru para o Brasil. Elas foram o primeiro contato que muitos peruanos tiveram com o país, assumindo um relevante espaço na construção de uma representação de Brasil quando estes jovens ainda estavam no Peru. E esta representação de Brasil serviu como pano de fundo para a inserção dos jovens na vida cotidiana do Rio de Janeiro. Através das novelas, os peruanos entraram em contato com certas paisagens e determinados traços da cultura brasileira. Pensando na sua área de atuação, a música, Alejandro explica que foi no período de difusão das novelas que os peruanos começaram a ter mais contato com a música brasileira produzida no próprio país. Quando veio estudar Música na UFRJ, em 1993, ele descobriu uma gama de estilos e cantores brasileiros que ele não conhecia do Peru. Em compensação, ele conhecia cantores brasileiros que eram muito famosos no Peru e no exterior que os brasileiros desconheciam. Isto acontecia porque os elementos brasileiros com os quais Alejandro tinha contato chegava ao Peru através dos EUA:

O pessoal (no Peru) conhecia muito mais Bossa Nova que outra coisa do Brasil. E acho que a Bossa Nova é o *standard* do Brasil no mundo (...); é como se fosse os EUA um espelho.. Ah, porque o Sinatra gravou Tom Jobim, então pronto: Todo mundo vai (conhecer bossa nova). E... tanto é que no Peru, quando eu cheguei aqui eu conhecia alguns brasileiros que não conheciam aqui. Me lembro de músicos, Tania Maria, uma pianista que morou na Europa, morou nos EUA também.. Era muuuuuuito famosa no Peru, mas entre os músicos (peruanos, mas não entre os brasileiros).

As novelas desafiaram a mediação do Peru com o Brasil através dos EUA, estabelecendo um elo direto entre os dois países do Sul, sem interferência de um país do Norte. A presença dos EUA na relação Peru-Brasil restringia o acesso dos peruanos a diferentes elementos da cultura brasileira, que foi ampliado pela

difusão das novelas. Elas permitiram, por exemplo, que os peruanos tivessem acesso à produção musical brasileira que não estava antes disponível através dos EUA. Alejandro acredita que a abertura do mercado televisivo peruano para as novelas brasileira contribuiu para despertar nos peruanos um maior interesse pelo Brasil:

E uma coisa que abriu caminho para outras músicas foram as novelas lá. Porque as novelas foram, nessa época, dos anos 80, talvez, assim, melhor que qualquer rádio lá. Porque teve aquela novela, Vale Tudo²⁵, por exemplo, todo mundo via!!!! ... até hoje, todo mundo pergunta: “que música é essa que era da Sucessora?”, que era Odeon (tan tan tantan).. Todo mundo adorava a música!

As novelas se tornaram, assim, o "cartão de visitas" do Brasil no Peru, apresentando uma determinada representação do país. Douglas explica que antes de vir para o Brasil, as únicas imagens que ele tinha sobre o país era do carnaval, das praias e do futebol. Quando perguntado como ele construiu essa ideia, Douglas responde:

Pela TV! E as novelas brasileiras.. A minha família adorava! A família toda assistia.. meus tios também.. Xica da Silva foi foda! Espetacular! (...) As novelas em Peru são que nem a novela das 8 daqui (...) e todo mundo tá em casa. Então, a família inteira jantava assistindo novela. ...hoje em dia, eu não assisto nada de novela. Mas, naquela época, quando a gente tava em família, tavam os irmãos (...), chegávamos em casa e conversávamos vendo novela.. Era legal!

Apesar de não acompanhar mais novelas, Douglas reconhece que elas são importantes na sua história de vida, pois ele recorda como sua família se reunia diariamente para assisti-las. Mais do que um instrumento de diversão, as novelas se transformaram num momento de reunião de diversas famílias peruanas, não apenas a de Douglas. Assim como a dele, a família de Cristóban também tem nas novelas brasileiras um marco diário, momento em que todos param e se juntam em torno da televisão. Cristóban é um peruano que veio para o Brasil depois que se casou com uma brasileira - ele não chegou ao Rio de Janeiro como estudante. Das vezes que foi ao Peru, sua esposa ficou impressionada com a rotina da sua sogra. Ela, que é uma senhora com idade avançada, tem todo seu dia ocupado com tarefas domésticas: ela cozinha, arruma a casa, lava a louça. O único

²⁵ O sucesso da novela "Vale Tudo" nos países hispânicos foi tão grande que foi gravada uma versão em espanhol da novela. Luis Fernando, que é ator, participou de *Vale Todo*, versão em espanhol de Vale Tudo.

momento do dia em que ela para de trabalhar é à noite, na hora da novela brasileira. Ela não perde nenhum capítulo de novela brasileira transmitida no horário noturno.

Apesar das novelas continuarem a desempenhar um papel estratégico de aproximação do grande público peruano do Brasil, a ampliação do acesso a outros meios de comunicação possibilita que os interessados em saber mais sobre o Brasil possam realizar pesquisas em diferentes canais, sobretudo na *internet*. Nos anos 90, o contato entre o Brasil e o Peru ainda era extramente reduzido e a *internet* não era um meio de comunicação tão acessível como se tornou nos anos 2000. Gladys lembra que quando descobriu a possibilidade de conseguir uma bolsa para o Brasil, ela começou a se interessar em aprender mais sobre o país. Apesar do contato com as novelas, Gladys não sentia que este contato era suficiente para ter uma noção mais exata de como seria sua vida no Brasil. Por isso, ela buscou mais informações na Embaixada e lá ela leia revistas, livros e jornais com a esperança de conhecer mais o Brasil antes de chegar.

4.3.2

O Brasil por trás das novelas

Apesar de todo seu esforço prévio em saber mais do Brasil antes de vir, quando chegou no seu destino, Gladys sentiu que o Brasil que viu nas novelas e sobre o qual leu nos livros e revistas era muito diferente do Brasil que ela viveria. Assistindo as novelas, ela tinha a sensação de que o Brasil não era tão diferente assim do Peru. Porém, na sua experiência como estudante em universidades brasileiras constatou que o Brasil mostrado na novela não é exatamente o Brasil real, vivido por ela e pelos brasileiros:

Gladys: (...) E como tava entrando aquele negócio das novelas, a gente vê que não uma cultura tão diferente. Mas depois eu vi que não era bem assim.

Camila: As novelas te enganaram?

Gladys: Não..não.. Assim.. é.. é porque é diferente! A novela é uma irrealdade. Quando chega aqui, a gente vê que é outra coisa. Não é questão de enganar não... Não fui enganada, mas acho que não te dá todo o suficiente pra você ter uma visão realmente. (...)Eu achava (o Brasil) assim: (o Brasil era) tal qual você vê na novela..

Assim como os estudantes moçambicanos e guineenses têm nas novelas seu primeiro contato com o Brasil (Subuhana, 2005; 2006), os estudantes peruanos encontram nelas um meio privilegiado para imaginar como era o país onde morariam. O dia a dia no Rio de Janeiro fez com que eles percebessem uma grande distância entre o Brasil vivido e o Brasil assistido nas novelas, como analisou Gladys. Enquanto nas novelas o Brasil mostrado é quase exclusivamente o Rio de Janeiro e, somente suas áreas mais nobres, quando desembarcam no Rio, tanto os peruanos quanto moçambicanos e guineenses descobrem uma cidade que não aparece na novela, composta não apenas pela da Zona Sul, mas também pelas favelas, pela desigualdade entre a Zona Sul e a Zona Norte e entre as classes sociais. Ao contrário das novelas, no Brasil também há pessoas pobres que vivem em bairros carentes, como no Peru, explica Eduardo:

... (o Rio de Janeiro) tem lugares bons, como a zona sul (...) mas também tem zonas como no Peru, que tem as zonas.. as vilas... Lá no Peru são o pólos pobres.. Antes eu achava que, pelas novelas (...) que no Rio só tem gente de muito dinheiro.. Na verdade, não é assim. Tem gente da classe b e tem gente da classe A... Eduardo.

Eduardo nota que as novelas apresentam uma imagem seletiva do Brasil e do Rio de Janeiro, em que a pobreza não aparece. É esta a imagem que serve como pano de fundo para a construção de uma representação coletiva de Brasil pelos estudantes, sua família e amigos no Peru. Se, por um lado, as novelas oferecem uma aproximação do Brasil para os peruanos sem a mediação dos EUA, elas apresentam de uma imagem limitada do país, reduzido às zonas mais privilegiadas de grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. À pergunta “*qual era a ideia de Rio de Janeiro que você tinha antes de chegar?*”, Tomás pondera:

A imagem que a TV passa: uma cidade sem defeito, que tem de tudo, que é verdade. Quando você vem, você vê a realidade (...) É uma imagem mais cosmopolita. (...) uma imagem mais plástica. Não é como você morar esmo na cidade, conhecer as pessoas. Tipo, a imagem que a TV te vende é só a orla de Copacabana, Zona Sul e só isso que existe. Todo mundo é rico, todo mundo é gostoso, todo mundo é bonito.. Mas acho que isso acontece em tudo quanto é canto também. No meu país, se você vê a TV, algumas vezes você acha que todo mundo é branco lá.

Contudo, as novelas não encerram as possibilidades de imaginação que os jovens peruanos encontram para fazer do Brasil seu país de destino. Appadurai (1996; 2002) discute que a mídia de massa e a migração se configuram como espaços onde os indivíduos e grupos inserem o global em suas práticas e no seu modo de viver a modernidade. Ambas provocam a circulação de imagens que ligam a vida cotidiana a outros ‘mundos’. Enquanto a migração provoca mudanças territoriais, sociais e culturais na reprodução da identidade de grupo, a mídia, produz imagens e narrativas do mundo para um grande público, contribuindo para a construção de um “mundo imaginado”²⁶ e uma visão sobre o outro. Enquanto as novelas transmitem determinadas imagens do Brasil para o Peru, tais imagens são confrontadas com aquelas difundidas por outros meios de imaginação e comunicação que os peruanos hoje têm acesso, desde *internet* até o convívio com outros peruanos que já estiveram no Brasil.

Appadurai analisa que, na sua fase globalizada, a modernidade presencia novas formas de organização social do tempo, do espaço, das finanças e das tecnologias, que estão intimamente associadas à maneira como as pessoas imaginam a elas mesmas e o mundo. De um lado, a imaginação se desvinculou do espaço da nação, através da ampliação global dos horizontes de possibilidades. Do outro, o local passa a ser permeado por novos significados, fundamental para a socialização do tempo e do espaço, categorias cruciais na construção de identificações entre pessoas e grupos. A imaginação conjuga pensamento e ação, indivíduo e coletividade e ocupa um lugar de extrema importância na relação entre o local e o global. Mais do que uma capacidade individual de pensar e refletir, Appadurai (1996) entende a imaginação como:

“... um campo organizado de práticas sociais, uma forma de trabalho (...), e uma forma de negociação entre locais de agência (individual) e campos de possibilidade globalmente definidos.. A imaginação é agora central para todos as formas de

²⁶ Appadurai (1996) discute que a imaginação tem a capacidade de criar uma “*community of sentiment*”. Os fluxos de pessoas e de imagens que caracterizam a globalização permitiram que pessoas espalhadas pelo mundo se identificassem umas com as outras na maneira de sentir e pensar. Portanto, elas já não se imaginam mais restritas a uma “comunidade imaginada” (Anderson, 1989), mas vivem hoje em “mundos imaginados”. Enquanto a “comunidade imaginada” esteve associada à construção de um sentimento nacional, os “mundos imaginados” possibilitam que uma mesma pessoa se sinta parte de diferentes “comunidades imaginadas”, sem que haja necessariamente uma associação com o Estado-nação. Os mundos imaginados são constituídos por imaginações historicamente situadas de pessoas e grupos espalhados pelo globo (p.33).

agência, é ela mesma um fato social, e um componente chave para a ordem social de agora²⁷ (p.31).

Portanto, a imaginação é um ato coletivo se materializa nas experiências cotidianas. Isto significa que a imaginação é o prelúdio de uma forma de expressão que pode se tornar o combustível da ação. No caso dos estudantes peruanos, a imaginação de como é o Brasil integrou o processo que culminou com a vinda deles para cá. Neste processo, as novelas não detêm o monopólio total sobre a construção de uma representação de Brasil, mas compartilham o espaço na imaginação com outros programas de TV, telejornais e filmes, e também com a internet e as informações transmitidas através das redes de relacionamentos.

Nas viagens que fiz ao Peru desde que iniciei o projeto de doutorado, pude observar uma variação na reação dos peruanos que eu conhecia ao longo da viagem sobre o Brasil. No ano de 2011, o tema mais mencionado pelos peruanos quando descobriam que eu sou brasileira do Rio de Janeiro eram as favelas cariocas, cenário do filme americano “Velozes e Furiosos”. Uma pergunta recorrente era se as favelas eram muito perigosas e violentas.

Outra pergunta que repetidas vezes me fizeram em 2011 foi como estava a situação econômica do Brasil depois no Lula. Naquele ano, eu cheguei ao Peru no dia do segundo turno das eleições presidenciais, em que venceu o candidato de esquerda Ollanta Humala. Os peruanos em geral tinham uma boa avaliação do Lula e esperavam que Humala optasse por um governo de negociação como o dele, e não de enfrentamento, como o de Chávez. Uma pergunta mais pragmática que também me faziam em 2011 era se o salário no Brasil eram alto e se os brasileiros “ganhavam bem”.

Em 2012, quando participei de um congresso de antropologia em Puno, estive no Peru poucos dias e tive limitadas oportunidades de ter contato com a população local. Nesses raros momentos, fui abordada por um professor de Antropologia da Universidade Del Altiplano, que me contou que tinha o desejo de fazer doutorado no Brasil e pediu que eu o ajudasse. Numa loja de souvenirs e instrumentos musicais no centro da cidade, um dos senhores que trabalhava lá me

²⁷ “...an organized field of social practices, a form of work (...), and a form of negotiation between sites of agency (individual) and globally defined fields of possibility... The imagination is now central to all forms of agency, is itself a social fact, and is the key component of the now global order”.

disse que gostava muito de música brasileira, principalmente de Chico Buarque. Já nas viagens de 2013, o principal tema de conversa sobre o Brasil foi a Copa do mundo de 2014 e qual é o preço médio da hospedagem e da alimentação nas cidades-sede.

Estes exemplos demonstram que a representação de Brasil no Peru tem se transformado ao longo dos últimos anos. O crescente destaque que o Brasil tem recebido no cenário internacional sendo, por exemplo, sede da Copa da Mundo e cenário de um famoso filme americano, amplia a curiosidade de muitos peruanos sobre o Brasil. Neste caso, o Norte continua fortemente presente na relação Brasil-Peru. Além disso, a intensa presença de turistas brasileiros no Peru também tem colaborado para uma aproximação de brasileiros e peruanos²⁸. No campo da mobilidade estudantil internacional, muitos peruanos que estudaram no Brasil, quando voltam, compartilham da sua experiência com outros jovens, incentivando-os a também estudarem no país vizinho²⁹. Com a expansão do acesso aos meios de comunicação de alta velocidade, este incentivo muitas vezes acontece quando o estudante ainda está no Brasil. Através das redes sociais, sites de relacionamento e emails, eles enviam informações, mensagens e fotos que incentivam seus amigos a estudar com eles.

O despertar para o Brasil como um destino para estudar parece já não estar mais restrito às redes de amizade construídas através das universidades peruanas. Na visita que fiz a Huaraz, província com cerca de 117 mil habitantes³⁰, localizado na Serra Norte do Peru, vi um cartaz que me chamou a atenção:

²⁸ A peruana Sandra, sobre quem falamos no capítulo 3, veio para o Brasil nos anos 1990 a convite de uma brasileira que conheceu em Cusco, sua terra natal. Sandra e sua mãe tinham uma loja de souvenirs no centro de cidade e um dia, uma turista brasileira, admirada com a beleza dos produtos, convidou a duas para vir ao Brasil. O caso de Sandra é emblemático pois a turista brasileira exerceu um papel fundamental na sua decisão de vir para o Brasil, oferecendo-lhe moradia nos primeiros dias no país e ajudando-lhe a vender o produtos trazidos de Cusco. Mesmo a turismo sendo uma tipo de mobilidade diferente da imigração, neste caso, ele foi o primeiro contato que tornou a imigração de Sandra possível.

²⁹ Pelo *facebook*, conheci um peruano que estudou na Universidade Federal do Mato Grosso e, quando terminou sua graduação, abriu um curso de português em Tacna, sua cidade natal. Agora, ele oferece cursos preparatórios para a realização do exame CELPE-Bras, exame de proficiência de português para estrangeiros exigido para se candidatar aos PEC's.

³⁰ Segundo estimativa do INEI (2012), Huaraz está em vigéssimo primeiro lugar na lista de províncias com maior população.

<http://www.inei.gob.pe/biblioineipub/bancopub/Est/Lib1032/libro.pdf>

ENVIA TUS DATOS A:
trabajobienremunerado@hotmail.com

CLASES DE PORTUGUÉS

Clases particulares de portugués con profesor nativo:

- Básico
- Intermedio
- Avanzado
- Conversación

- Fonética
- Gramática
- Lectura

"Preparación para el examen CELPE-BRAS"

¿Por que estudiar portugues?

"En Brasil, 65 universidades conforman la gran oferta académica de Brasil. Un país que brinda más de 140 carreras para escoger en todos sus estados..."
Fuente: <http://www.universia.edu.pe>

"En el 2012 se becaron a 60 personas a nivel de pre grado en la Universidad Federal de Integración Latino-Americana -UNILA Brasil por intermedio de la oficina de becas y crédito educativo OBEC – Ministerio de Educación..."
Fuente: <http://www.minedu.gob.pe/obec>

"La carretera interoceánica que cruzará la ciudad de Huaraz, beneficiará al turismo y al comercio entre ambos países, el cual exige el conocimiento del idioma portugués para poder interactuar con turistas brasileiros así como empresarios y comerciantes..."

Porque aprender un nuevo idioma es comunicarse con el mundo...!

CONTACTO: Móvil: 979-840-470 RPM: # 979-840-470  /PortuguesHuaraz

SE VENDE

Figura 2

Anúncio de curso de Português no mural de classificados localizado no centro de Huaraz, Ancash. Abril de 2012. Arcevo pessoal.

No cartaz, a maioria dos argumentos para estimular os peruanos de Huaraz a aprender Português gira em torno do estudo. Aprendendo português, eles poderão aproveitar as oportunidades de estudo no Brasil, que oferece 140 opções de carreiras em 65 universidades. Além da diversidade de carreiras disponíveis, o cartaz também anuncia que o Brasil oferece bolsas, citando o caso dos alunos de graduação da UNILA. Segundo o cartaz, 60 pessoas foram contempladas com bolsa para estudar na instituição em 2012. Douglas, que nasceu e cresceu na região de Huaraz, se surpreendeu quando eu contei que encontrei este anúncio no mural de classificados do centro da cidade. Ele disse que em cidade grandes, como Lima e Arequipa, há vários cursos de português, mas ele nunca imaginou que em Huaraz já existissem pessoas interessadas em aprender o idioma. Este cartaz pode ser um sinal de que o Brasil já não é país tão simbolicamente distante dos peruanos como no período em que muitos estudantes, como Douglas, vieram para cá.

Não podemos deixar de considerar a importância do governo Lula na construção de uma representação de Brasil para além das novelas. Durante seu governo, o país ampliou sua atuação nos países do hemisfério sul. Mais que isso, a própria origem do ex-presidente, um ex-sindicalista, pertencente a um partido de origem trabalhadora serviu de inspiração para peruanos como Guadalupe vir para o Brasil. Ela nunca quis sair do Peru, mas gostou da ideia de vir para o Brasil, um país que ela acreditava que era governando segundo um regime socialista. Estes sinais indicam que, para além da novela, cada vez mais novos espaços de construção de múltiplas imagens de Brasil estão sendo construídos no Peru. Cada vez mais, os peruanos podem avaliar de uma maneira mais complexa e profunda os prós e contras de estudar no Brasil quando ainda estão no Peru.

4.3.3

Praia, futebol e carnaval?: imagens do Rio de Janeiro

Assim como as experiências vividas pelos jovens no Peru foram fundamentais para que decidissem sair do país para estudar, ter o Brasil como destino esteve alicerçado em diversos elementos, entre eles a ideia de Brasil que eles tinham. Como vimos no ponto anterior, os meios de comunicação de massa exerceram um papel de suma importância neste processo, pois foi através deles que muitos dos jovens peruanos tiveram seu primeiro contato com o Brasil. Nesta construção de uma imagem de Brasil, as novelas foram fundamentais ao aproximar o público peruano de paisagens cariocas, como as praias de Copacabana, Ipanema e Leblon, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e os belos dias de sol da Zona Sul carioca. Além da praia e do sol, o Brasil é associado ao carnaval, ao samba e ao futebol. Sofia explica que é esta a imagem de Brasil que a mídia oferece: um estereótipo que não representa a realidade. Antes de chegar aqui, ela mesma tinha essa ideia:

A minha imagem do Brasil era a que todo mundo tem infelizmente, o estereótipo: samba, futebol e mulheres... e carnaval... É a mídia que... a mesma mídia daqui do Brasil, que eles dão essa imagem: futebol e carnaval. Sofia.

A estudante esclarece que os estereótipos são uma tentativa de compreender o que não se conhece, desenvolvida principalmente através das informações fornecidas pela mídia. Sua explanação se aproxima da de McDonald (*apud* Rezende, 2009) que explica que o estereótipo é uma construção social elaborada a partir do contato entre diferentes sistemas de classificação. Como forma de atribuir uma ordem à imprevisibilidade do encontro entre categorias desses diferentes sistemas de classificação, os estereótipos atribuem um lugar para aquilo que não se sabe como classificar. Da Mata (*apud* Velho, 1978) afirma que, nas sociedades complexas, a diversidade que ela abarca está organizada segundo uma hierarquização das categorias sociais. Através dos estereótipos, cada categoria tem seu lugar definido na hierarquia social que organiza e mapeia a realidade.

No caso da imagem de Brasil que os jovens peruanos tinham antes de chegar, o estereótipo se configura como uma visão limitada e parcial do Brasil,

mas que se supõe geral e imparcial. As informações e imagens veiculadas pelos meios de comunicação são incapazes de apresentar e representar toda realidade brasileira, mas apenas uma pequena parte dela. Determinadas imagens se tornam estereótipos quando, ao mostrar apenas uma parte realidade, se supõe que ela é o todo, a realidade por completo. Osvaldo e Eduardo reconhecem que não sabiam muito sobre o Brasil antes de chegar. Assim como Sofia, a principal ideia que eles tinham era do Brasil como o país do futebol e do carnaval, sem ter uma noção exata sobre as diferenças regionais que o país abarca:

Brasil é carnaval, Brasil é praia (...) mas, não tinha uma ideia clara de que: Rio é praia e São Paulo... Não: pra mim era tudo essa ideia. Eu vim quase sem saber muito bem das características particulares do Rio de Janeiro. Osvaldo.

Carnaval! Brasil, a gente tem a ideia de um país que sempre ganha as copas do mundo.. Um país melhor nos esportes. (...) A gente acha que todo mundo joga futebol.. (...) Tem a ideia do futebol, do carnaval... Eu estava muito contente de vir para o Rio, porque o Rio exporta o carnaval.. Eduardo.

Carnaval, futebol e praia são as palavras mais repetidas pelos estudantes peruanos quando explicam a ideia de Brasil tinham antes de chegar. Uma característica de extrema relevância nesta imagem do país no exterior é a relação entre praia, carnaval e um elemento que está implícito nesta relação: a mulher. Ambos, a praia e o carnaval, carregam uma conotação de sensualidade associada ao um estereótipo de mulher brasileira: aquela que dança de maneira voluptuosa no carnaval, vestindo pouca- ou nenhuma- roupa, desfilando de biquíni na beira da praia. A partir desta ideia, a mulher brasileira é imaginada como mais aberta, liberal e, em última instância mais "fácil"³¹ e mais disponível para relações amorosos e sexuais efêmeras que as peruanas.

O Rio de Janeiro é, portanto, a cidade que mais se aproxima da ideia de Brasil que os estudantes peruanos tinham antes de chegar. A escolha da cidade esteve permeada tanto por fatores objetivos, como ter conquistado uma bolsa de estudos numa universidade na cidade, como por fatores intersubjetivos, como a imagem do Rio de Janeiro como cidade mais representativa do Brasil. Luis Fernando tinha o plano de ir para a USP, mas não tinha vaga para lá. A vaga que

³¹ Um exemplo disso é o imaginário construído em torno da mulata. Sobre este debate ver Giacomini (1994; 2006).

conseguiu foi para o Rio de Janeiro. Quando soube do resultado, ficou feliz de ir para uma cidade conhecida:

Eu tinha escolhido USP! ...Mas aí, quando eu vi que outras pessoas eram mandadas pro Acre, pra... sei lá, Sergipe.. Que eu nunca tinha ouvido falar!!!! Eu preferi o Rio de Janeiro!!! Inclusive, a moça (da embaixada) disse: "quem quiser trocar pode chegar aqui na mesa pra ver se a gente consegue remanejar as vagas". Eu fiquei quieto, (...) porque eu tava sendo mandado pro Rio de Janeiro! Não um lugar desconhecido! Luis Fernando.

Um caso interessante é o de Antonio³² que veio estudar no Brasil nos anos 60. Ao ser enviado para a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, solicitou a mudança de universidade para uma no Rio de Janeiro. A cidade gaúcha era muito fria e muito distante da ideia de Brasil que ele tinha: um país tropical, ensolarado e praiano. Antonio conseguiu ser transferido para a UFRRJ, em Seropédica.

A difusão da ideia do Brasil como um país tropical e do Rio de Janeiro como seu "cartão postal" não está restrita às novelas e aos meios de comunicação de massa. Em 2011, quando tentei contato telefônico Embaixada do Brasil no Peru, fui surpreendida com as canções de espera: um dia, aguardei o atendimento ao som de "Garota de Ipanema"; noutro, ao som de "País Tropical" (*ver a letra das canção anexo 8*). As duas canções retratam o Brasil e o Rio de Janeiro pela beleza da mulher, a praia e o futebol, elementos que corroboram com os tradicionais estereótipos de Brasil.

Uma percepção recorrente entre os estudantes peruanos é de que o Rio de Janeiro é uma cidade de grandes belezas naturais. Esta ideia que eles tinham antes de chegar, se confirmam quando vivem na cidade. A orla, o encontro da montanha com o mar e a vegetação são elementos que somados aos grandes prédios e avenidas marcam a cidade de maneira peculiar, numa junção de natureza e urbanização. Muitos peruanos, como Virgilio e Douglas, ressaltam que um aspecto que dá ao Rio uma beleza especial é a vegetação, espalhada por todas as partes da cidade. Renato e Rúben concordam que a paisagem do Rio tem uma graça que eles nunca tinham visto antes.

O peruano Victor Mory, em entrevista ao programa de televisão *Passagem Para*³³ explica que as paisagens em cidades costeiras peruanas, como Lima, são

³² Ver capítulo 3.

³³ Produção do Canal Futura: <http://www.youtube.com/watch?v=W2gJFQqAU-E>.

muito áridas. Lima é uma cidade construída num deserto, por isso, nenhuma vegetação cresce naturalmente na cidade. Todos os jardins que existem lá são regados regularmente, caso contrário, terão uma vida breve. Além disso, em Lima, os dias são quase sempre nublados. Raros são os dias ensolarados. Em outras partes do Peru, como a Serra, há paisagens muito bonitas e intenso sol durante o dia, porém muito diferentes das paisagens do Rio de Janeiro. Por isso, tanto os peruanos da Costa quanto os da Serra, se encantam com as paisagens cariocas, que Rúben e Renato resumem em duas palavras: “*un paraíso*”. Néstor concorda: “*Rio tem bastante vegetação, tem mar... Ao contrario de Lima, que é cinzenta. Rio é um paraíso! Rio é o melhor que me poderia ter acontecido*”.